

ENTREVISTA APARECIDA DE JESUS FERREIRA

LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO: FALTA REPRESENTATIVIDADE NEGRA EM MATERIAIS DIDÁTICOS E NA MÍDIA¹

Aparecida de Jesus Ferreira (UEPG)*

Cássio Murilo Lourenço Gomes (UEPG)**

A professora Aparecida de Jesus Ferreira, pesquisadora que cunhou o termo letramento racial crítico no Brasil, apresenta a importância do letramento racial crítico e fala de seu trabalho em questões de representatividade. Premiada pela Fundação Municipal de Cultura como destaque de literatura em 2018, Aparecida credita o feito ao livro “As Bonecas Negras de Lara”, projeto bilíngue e trabalhado tanto no Brasil quanto no exterior. O trabalho com o livro em escolas pode ser acompanhado em grupo aberto no Facebook (<https://www.facebook.com/groups/LivroAsBonecasNegrasDeLara/>) e no álbum de fotografias do livro <http://bit.ly/FotosLivroAsBonecasNegrasDeLara>

A Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa a elegeu como destaque de literatura do ano de 2018. Como você mensura tal reconhecimento?

APARECIDA: Eu fiquei muito feliz, porque o prêmio veio por conta de um projeto do livro “As Bonecas Negras de Lara”, que é um dos temas da minha área de pesquisa e de trabalho aqui na UEPG e que tem a ver com a minha identidade racial. Quando desenvolvi o projeto, em 2017, foi feito um trabalho muito intenso envolvendo a Secretaria Municipal de Educação, com um curso de formação para dois mil professoras/es e alunas/os. Foram distribuídos trezentos livros aqui em Ponta Grossa e mais seiscentos para as demais cidades do Paraná. No ano passado houve a Semana do Livro e, durante o evento, os professores participantes da formação de 2017 usaram o livro em várias atividades com as crianças e acho que isso teve um impacto na cidade por conta do material. Por isso acredito que a Fundação me premiou

¹ A entrevista foi publicada no Jornal Foca Livre. Jornal do Curso de Jornalismo da UEPG em Maio/2019.

* Aparecida de Jesus Ferreira, Pós-Doutorado e Doutorado na University of London. Professora Associada na UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa). Atuando na Graduação e no Mestrado em Estudos da Linguagem na mesma instituição. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3728-0793>

** Cássio Murilo Lourenço Gomes. Bacharelado em Jornalismo cursando o segundo ano na UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4370-4441>

como destaque em literatura. Ninguém me ligou, eu vi pelas redes sociais. Eu fiquei muito feliz pelo reconhecimento de um trabalho com temática importante, relevante e muito atual.

De que forma o livro “As Bonecas Negras de Lara” aborda diferenças?

APARECIDA: É baseado em experiências reais e de várias formas. Tanto ao brincar na infância, percebendo que as crianças não tinham bonecas negras. Quanto você vai a lojas de brinquedos, percebe que não há um contingente igual de bonecas negras e brancas. Se as pessoas querem bonecas negras, têm que procurar na Internet. Isso implica com que a criança não peça bonecas negras aos pais, pois não veem as bonecas negras em grande quantidade. Foi esse contexto que eu quis trabalhar, para despertar o interesse em tais bonecas nas crianças. O livro tem três personagens: Lara, Sérgio e Paula. Conversando com o ilustrador, eu disse que queria fugir de estereótipos de roupa, por isso o menino não usa azul. Quando vai ao parquinho, o Sérgio leva um carrinho e, também, algumas bonecas. A menina Paula também foge do estereótipo feminino do vestido ao usar shorts e camiseta. A diversidade segue em diferentes tons de pele dos personagens, mesmo tendo dois personagens que são negros. As realidades familiares de cada um também são distintas: Lara tem duas casas, com pais divorciados. Sérgio mora com o pai e a mãe, enquanto Paula mora com a avó, abordando também a diversidade de idade e o respeito aos mais velhos. Isso abrange realidades distintas e existentes atualmente para que as crianças, quando lerem, possam se identificar com algum dos formatos diversos de família. Além disso, enfatiza que não há brinquedo de menino e de menina. Brinquedo serve para qualquer criança brincar e se divertir.



Ser mulher e negra é motivacional para suas produções em termos de representatividade?

APARECIDA: Eu acredito que bastante. Eu não nasci com a consciência desta representatividade, eu fui me entendendo como mulher e negra conforme fui me qualificando, estudando e entendo várias experiências que passei na escola, como ser a única menina negra no ensino fundamental e médio. As experiências que tive na educação básica poderiam ter sido muito diferentes se tivesse tido a oportunidade de me ver representada em livros didáticos, livros de literatura infantil, juvenil, bem como em cartazes nos corredores da escola e em várias outras atividades que a escola desenvolveu, no entanto, a representatividade sempre foi eurocêntrica. Na graduação tive alguns colegas, no mestrado eu era a única. Já no doutorado tinha um pouco mais por ser fora do Brasil. Atualmente, aqui no curso de letras da UEPG, somos apenas duas professoras negras no momento.

Qual é o papel do letramento racial crítico na formação de professores?

APARECIDA: Antes de informar qual o papel do letramento racial crítico na formação de professoras e professores, é importante trazer a minha definição:

Letramento racial crítico é refletir sobre raça e racismo, e nos possibilita ver o nosso próprio entendimento de como raça e racismo são tratados no nosso dia a dia, e o quanto raça e racismo têm impacto em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, no ambiente escolar, universitário, em nossas famílias, nas nossas relações sociais. [...]. Como formadora de professoras/es que sou, entender a importância de utilizar o letramento racial crítico na minha prática pedagógica é de extrema relevância para que assim possa também colaborar para que tenhamos uma sociedade mais justa, com igualdade e com equidade. (FERREIRA, 2015, p. 138)

Ou seja, o letramento racial crítico possibilita que a professora e o professor reflitam sobre questões raciais dentro de seu próprio contexto de sala de aula e, a partir do momento que refletem a respeito, também permitem que seus alunos/os tenham consciência de sua própria identidade racial. Tal consciência permite que a aluna e o aluno se vejam representados em vários contextos. Quando pensamos em formação de professoras/es, temos que pensar nos materiais utilizados por esses professoras/es e, na maioria deles, é difícil encontrar pessoas negras como protagonistas. Ao trabalhar com letramento racial crítico, você possibilita que as pessoas se vejam e percebam a ausência de representatividade nos materiais e na mídia também. Você passa por um outdoor ou uma banca de revista e vê uma ausência de representatividade de negras/os nas imagens e capas dos produtos.

De que forma as narrativas autobiográficas reforçam a importância do letramento racial crítico?

APARECIDA: Elas são fantásticas! Eu adoro as narrativas autobiográficas porque, ao ler a experiência do outro e se colocar no lugar dela/e, você se sensibiliza. Elas fazem com que você experimente algo que não experimentou antes. Tanto uma pessoa sendo negro ou branco, ao ler uma narrativa de racismo, discriminação ou preconceito, as pessoas passam a ter uma noção de como é viver tal experiência. Algo que eu escuto muito é “eu nunca tinha pensado nessa questão”. As narrativas colaboram em levar tais experiências de quem passa cotidianamente por isso às demais pessoas, tirando-as de seu lugar de conforto. As narrativas autobiográficas trazem reflexão e um impacto positivo, mesmo que o teor da narração seja de dor para gerar empatia.

Como a Lei Federal 10639/03 tem afetado a educação no Brasil?

APARECIDA: Ela se tornou obrigatória em janeiro de 2003 e, desde então, um documento foi escrito com diretrizes que possibilitam o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. As professoras e os professores têm que estar preparados para tratar com esta questão e isso gerou um grande movimento, principalmente por mudanças em livros didáticos, a fim de que atendam a lei. Junto disso, discussões calorosas sobre cotas também se tornaram recorrentes desde então, o que tornou latente a questão racial na sociedade. Os núcleos de estudo afro-brasileiros também se ampliaram, sendo mais de 150 espalhados entre as universidades do país, tanto públicas quanto privadas. Muitos alunos meus de iniciação científica, de TCC e do mestrado já fizeram estudos sobre a lei e tivemos muitos avanços com ela.

A conjuntura social e política de quando você iniciou seus trabalhos era mais favorável do que a de agora?

APARECIDA: Eu acredito que ela nunca foi favorável. No governo anterior, estávamos sim com uma posição mais favorável, mas isso veio por um grupo de professoras/es que batalharam por isso. O que é possível perceber é que há um movimento de pessoas engajadas que entendem do assunto e o estudam. Há uma união forte entre tais pessoas e isso possibilita que questões necessárias sejam efetivadas dentro do contexto das escolas. Agora há um retrocesso contra várias conquistas nossas e o engajamento atual é para que não as percamos o que já conquistamos. Isso está acontecendo não apenas com a questão racial, mas também com a questão de gênero. Nós vamos precisar de muito trabalho para fortalecer nosso espaço.

Como você vê o futuro da educação brasileira no que diz respeito a abordagens das diferenças?

APARECIDA: Eu sou bem otimista. Eu acredito que temos hoje um contingente de jovens que estão bem atentos e que têm estudado muito sobre tais temas. Ao percebermos dentro das universidades vários coletivos de negros/os, inclusive aqui na UEPG. Hoje, quando ocorre algo inaceitável a respeito, tais grupos se mobilizam e o caso vem à tona para que essas questões

sejam verificadas. O Ministério Público tem feito uma atuação importante também nesse quesito. O que temos que fazer é fortalecer esses grupos para que continuem dando vazão àquilo que a gente precisa e, principalmente, se fortalecendo.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, A. de J. *Letramento Racial Crítico Através de Narrativas Autobiográficas: Com atividades Reflexivas*. Ponta Grossa, Pr: Editora Estúdio Texto, 2015.

Recebido para publicação em 15 de Janeiro de 2020.

Aceito para publicação em 5 de março de 2020.